

Emile Cioran e os Equívocos da Filosofia

por João Maurício*

“Conta Porfírio que Plotino tinha o dom de ler nas almas. Um dia sem outro preâmbulo, disse ao seu discípulo, extremamente surpreendido, para não se tentar matar e que empreendesse antes uma viagem. Porfírio partiu para a Sicília, ali se curou da sua melancolia mas, cresce que cheio de pesar, não assistiu à morte do mestre ocorrida na sua ausência.

Há muito tempo que os filósofos não lêem nas almas. Não é o seu ofício, dir-se-á. É possível. Mas então não deve surpreender que já não nos interessem”¹

O que é a filosofia e o filósofo, qual o seu papel e lugar? Questões sempre presentes e irresolúveis, que podem porventura, preocupar um insignificante número de pessoas e que acabaram por encontrar um imerecido repouso. É que já não há filósofos nem filosofia original, o que temos não chega, é muito pobre, nada.

A filosofia na sua acepção original já não existe, é um cadáver, mas a sua carne, ou melhor, carcaça, ainda alimenta abutres, caprichos e vaidades, seres perdidos no mundo contemporâneo. O que resta? Um mero exercício dialéctico e retórico? Um jogo de palavras e termos? Um passatempo intelectual? Uma profissão? A garantia de alguns postos de trabalho? Um tipo de literatura com pretensões de profundidade? A exumação de um prestígio que há muito cessou? Quem saberá ao certo? Quem dela ainda se alimenta? Quem são os guardiães impotentes desse lugar, agora deserto e penoso? O que os faz perdurar?

Enigmáticamente essa *filosofia* insípida e artificial, desfruta de algum prestígio, insustentável e sem causa, camuflado por uma reverência e respeito quase religioso, mas é tudo fachada, pois só poderá provocar o escárnio e sorriso de gozo das outras ciências, na verdade ninguém liga à filosofia. Trata-se de uma senhora muito outada de passado aristocrático, mas que vive hoje, num asilo e na miséria. O seu prestígio é decorativo, mas carrega um passado de poder e privilégios que não merece, e que o

* Professor de Filosofia no Ensino Secundário. Mestrando em Filosofia.

¹ Cioran, *De l'inconvénient d'être nu*, Gallimard, 1973, p.50.

homem tem obrigação de por em causa. Há que indagar da legitimidade, prestígio e favor que ainda grangeia, para aquilatar se as suas verdades, se é que as tem, são ou não inúteis?

Alguém poderá partilhar estas *opiniões*, são *legítimas*? Pelo menos são discutíveis.

Não podemos contudo furtar-nos à evidência: o desaparecimento da filosofia original e autêntica aconteceu e é uma perda. Quem não experimentou já desencanto e desilusão, perplexidade e desorientação, perante a filosofia transformada em exercício inútil e estéril? Quem não sentiu a urgência de expor a sua actividade actual como farsa? Pouca gente, especialmente entre os que dela se ocupam. Mas há uma corrente marginal e marginalizada, que garante o seu pulsar e vitalidade, insuportáveis às práticas filosóficas vigentes, oficiais e públicas.

O objectivo deste artigo consiste em abordar estas questões insignificantes, acompanhados por um pensador, Emile Cioran², que pode servir como exemplo de um tipo de filósofo e filosofia esquecidos. Estamos em presença de um perseguidor incansável da lucidez e do desengano, no sentido daquele que vê, compreende e exprime claramente as coisas. Não sucumbe ou se perde na vertigem, que o viver, pensar e ver, pautados pela exigência e radicalidade alcançam. Não cai na obscuridade indecifrável dos que fazem da profundidade o seu modo de pensar, nem se rende aos labirintos infundáveis das construções intelectuais, ou descamba em doutrinas ocultas e secretas.

A sua lucidez extrema pode tornar a vida insuportável, mas alcançar esse último grau do conhecimento - a lucidez - que não impede um homem de acabar sóbrio, apesar de todos os delírios e solidões, esfusiamentos e dilacerações. Encontramos um pensamento insaciável, de recusa e revolta, incómodo e imune à vertigem da visão e à voragem do voo, do que encontrou e constatou, mas que soube sempre enunciar e descrever, cada passo e movimento do seu percurso, com assustadora clarividência.

Emile Cioran é um paradigma de um caminho para a filosofia e para o filósofo, pautado pela coragem e inconformismo. Não é um inovador, mas um herdeiro e continuador duma tradição, que tem o exemplo mais imediato em Schopenhauer, e remonta a Diógenes. São aqueles que não se furtaram a denunciar a degradação dessa forma de saber no Ocidente que se chama *filosofia*, e têm a coragem da recusa e da revolta, contra um determinado significado, prática, conteúdo, e lugar que esta ocupa na sociedade, revelando a inutilidade, o engano e esvaziamento que ela acarreta. Estes homens, como consequência, não são indiferentes ao logro da filosofia-sistema, da existência de uma filosofia oficial e universitária, e de uma carreira filosófica constituída por funcionários e professores.

O caminho de Cioran é difícil e exigente, ou seja, é muito claro sobre o que é a filosofia, o lugar e papel do filósofo. O seu percurso revitaliza-se no descontentamento e denúncia, da falsidade das práticas e vias contemporâneas da filosofia, mesmo nas suas formas mais complexas e elaboradas, ou seja desvirtuadas, na profusão de filosofias da consciência, cognitivismos, fenomenologias, epistemologias, filosofias da linguagem, do corpo, para crianças, etc. A sua opção insurge-se também contra o arrastamento pela pobreza do ensino, o estertor inútil e penoso das salas de aulas, a exuberância patética e insípida dos filósofos mediáticos.

² Filósofo Romeno (1911-1995), radicado em Paris desde 1937 até à data da sua morte.

Cioran fez da vida o exemplo do pensamento, ou melhor, do pensamento o exemplo da vida, como tal sempre recusou a publicidade, a exposição, a fama fácil de conferencista marginal, os programas televisivos, as entrevistas no país em que residia, os elogios, uma carreira universitária.

Confessa a sua escolha e sorte de não ter que escrever uma tese ou seguir uma carreira universitária, converteu inclusive uma bolsa para estudar filosofia em Paris, em passeios de bicicleta a pedal por toda a França. Não houve tese alguma, pois nunca a pensou realizar, o único benefício da Universidade foi o cartão de estudante da Sorbonne até aos quarenta anos, que lhe permitiu refeições baratas no refeitório da Universidade. Porque a vida é sempre a única experiência autêntica, e é a partir dela que se pode apelar a uma meditação sobre o essencial, levando o homem a realizar aquilo que é na totalidade dos seus rostos.

Curiosamente, Cioran foi um obcecado pela filosofia na sua juventude. Licenciando-se em filosofia em Bucareste, continuou os seus estudos em Berlim e de certo modo em Paris. Mas abandona-a muito jovem, rompe com a Universidade³, que considera a morte do espírito, apesar do prestígio que já lhe era reconhecido nos meios académicos. As insónias permanentes que padecia desde os vinte anos de idade, e os efeitos devastadores que provocavam, constituem o maior drama da sua vida, e tornam patente a constatação de um fracasso. Esta *filosofia*, não têm eficácia contra os *momentos graves*, é incapaz de enfrentar ou resolver as questões essenciais da vida humana, não ajuda a suportar a vida, é incapaz de enfrentar as situações, experiências e estados essenciais da existência, é inútil e estéril, está transformada num entretenimento ocioso. A filosofia e os filósofos não servem para nada.

Para Cioran, só interessam os problemas que surgem da profundidade do nosso ser, e não as questões formais ou que resultam das incertezas da nossa inteligência, do mundo das formas, das interrogações abstractas, dos sistemas e construções intelectuais. Só é importante o que surge de nós próprios, dos recursos e ritmos de cada um, o que provém do exterior é secundário.

Aprender a existência na sua estrutura essencial, não é possível através de formas e categorias abstractas, de subtilezas lógicas ou argumentações, vias insignificantes, perante a radicalidade profunda da vida e da morte. Todas as doutrinas ou concepções nada ensinam sobre o essencial. Os problemas existenciais, não se trata de problemas existencialistas, escapam à lógica, ao conceito e à estrita racionalidade.

Este é um pensar que podemos caracterizar como procura dos momentos essenciais, das revelações metafísicas, e das experiências profundas dos últimos instantes, das visões que nos possam unir à essência do real e afastam tudo o que não é importante à existência. As verdades essenciais concretizam-se na busca de uma sabedoria vital das regiões profundas da existência e pela relativização da atitude científica, analítica, racional e objectivista. Rejeita de modo veemente o pensar por pensar, impessoal, abstracto, exangue de vida, embrenhado em problemas intelectuais e argumentativos, estéril, cativo dos sistemas, formas, teorias, conceitos, abstracções, categorias, e tudo o que carece de paradoxos, contradições e antinomias

³ Cioran foi viver para Paris, como bolseiro do Governo Francês, através do Instituto Francês de Bucareste, com a finalidade de efectuar uma tese de doutoramento que nunca realizou.

interiores, sequioso de sistemas coerentes, crente na perfeita unidade e racionalidade da vida e do mundo, tudo sintomas de uma vida pessoal pobre.

- O que importa é a experiência interior e profunda, e a verdadeira escola provém do que nos afecta profundamente. Estes são os caminhos de Cioran, patentes nalguns episódios, como quando jovem e voraz leitor, o jardineiro da casa de sua irmã mais velha, um dia lhe perguntou, porque estava sempre a ler, a que respondeu: - Porque necessito. Ao que o jardineiro lhe retorquiu: - Se é verdade que a procura esta não se encontra nos livros.

A autenticidade, consistirá no vínculo e enraizamento do pensamento à vida e experiência, no primado do vivido, que culmina em proposta, para uma vivência do sentido profundo de existir. A unidade e coerência entre a vida e o pensamento, é também prática da reflexão sobre essa unidade.

Cioran considerava-se um *Privat Denker*, só fala do que viveu e experimentou, os seus pensamentos radicam nas suas experiências pessoais "*O pensador subjectivo parte do que sente, do que vive, dos seus caprichos e transtornos. Podemos objectivar o que experimentamos, podemos disfarçar-lo...*"⁴ Descurou a Universidade, para não abdicar da sua ambição de discípulo de Job ou transformar-se num pensador impessoal, daqueles pagos para falar a horas certas, sobre temas programados, e também porque nunca encontrou paciência para alunos ou discípulos.

O que está em primeiro plano, "*(...) é a forma de abordar a vida, a questão de como se pode suportá-la. Ao fim de contas só conheço dois grandes problemas; como suportar a vida e como suportar-me a mim próprio. Não há missões mais difíceis. Não há respostas definitivas para conseguir realizá-las. Simplesmente cada qual deve resolver pelo menos parcialmente esses problemas por si mesmo. Acaso há na vida sofrimento maior que ter que suportar-se a si mesmo, levantarmo-nos todas as manhãs e dizer: - Outro dia que começa, tenho que conseguir, suportar também esta jornada? - Portanto, não se trata só de actuar, de criar...*"⁵

O que permanece no itinerário de Cioran durante toda a sua existência é a busca da compreensão e solução para esses dois grandes problemas, que constituem a mais difícil missão: qual a forma de abordar a vida?, e como pode o homem suportá-la e suportar-se a si próprio? Talvez no limite só seja possível aceitar e descrever a vida, porque não há respostas definitivas, nem receitas ou fórmulas, doutrinas ou teorias, o que não obsta que cada um não tente pelo menos resolver parcialmente estas questões basilares.

O equívoco da filosofia

Para Cioran a filosofia não se ensina ou aprende, é acima de tudo um modo de vida e uma atitude perante a existência. Não é uma impossibilidade necessária, mas um saber que se tornou inútil e nulo. Apesar de por vezes sobrevalorizado, é um tipo de conhecimento que repugna pela sua intolerância e propensão para julgar e arrogar-se a uma posição privilegiada. Mas não passa de um discurso, uma auto-satisfação indiscernível da sua terminologia, que incha de orgulho o homem e

⁴ Cioran, *Conversaciones*, (trad. espanhola), Tusquets Editores, 1996, p. 116.

⁵ op. cit., p. 200.

alimenta uma visão falsa da vida e do nosso ser. É uma forma de saber que se afastou da sua origem e essência, e degradou progressivamente desde a Antiguidade. Actualmente não passa de um estratagema ludibriador e equívoco da verdade das coisas, do homem e do ser.

A filosofia está reduzida a um objecto de estudo⁶, quando deveria ser algo de pessoalmente vivido. Ora, “*Só há uma definição de filosofia: inquietação dos homens impessoais.*”⁷ Só os que viveram verdadeiramente a sua filosofia são filósofos, tal como o modelo dos antigos Gregos como Diógenes e os Cínicos. Cioran é um apologista da filosofia nas ruas, jardins e praças, pois o fundamental é o contacto directo com a vida. A filosofia será uma etapa a conhecer para dela nos separarmos, pois a finalidade da vida é a sabedoria. Quem alcança a sabedoria, já não é filósofo mas sábio.

A diferença entre os filósofos antigos e modernos esclarece a degradação da filosofia. Os primeiros, filosofavam na rua. Os modernos fazem filosofia na mesa de trabalho, no escritório, são empresários das ideias. As ideias, a vida, o pensamento, são produtos sujeitos a uma organização, metodologia e administração empresariais. Os filósofos antigos, votavam-se ao ócio, esperavam o pensamento e a inspiração, conheciam o prazer da irresponsabilidade meditativa. Os modernos, são funcionários frenéticos, por vezes aborrecidos e arrogantes, desconhecem que a inspiração surge na forma horizontal. O pensamento neles não flui, é provocado por irritação, é forçado artificialmente através da leitura e de várias técnicas.

A sabedoria em Cioran, consiste numa libertação que procede do interior de cada um, forjada contra as formas degradadas de sabedoria a que o homem está entregue. Sabedoria sempre incompleta, não radicada em qualquer quietude ou felicidade perdida, mas que garante o acesso aos segredos da dilaceração, que conduziram à emancipação do homem, e constituíram a sua imagem de prisioneiro e de escravo. Trata-se de um não saber, porque pretende desvelar os signos da ignorância, da ilusão, do erro, para a eles podermos renunciar. O que pretende não é compreender, mas desvelar e aceitar o ser humano na sua totalidade, e para tal é necessário começar onde a maior parte termina.

A humanidade para Cioran dividia-se entre os que compreenderam, muito poucos, e os que não compreenderam, todos os outros. Mas o que é compreender? Relata-nos a experiência de um mendigo errante, que passava os dias a reflectir, e era para Cioran, o grande filósofo de Paris, a quem explicou porquê, “*Digo isso, porque tu vives, reflectes o tempo todo; experimentas os problemas e os teus problemas estão combinados com a tua vida. A sua existência recordava-me os filósofos Gregos, que expunham as suas teorias nas ruas e nos mercados. As suas palavras confundiam-se com a própria vida.*”⁸

Inevitavelmente condena todos os sistemas e construções intelectuais em que não há relação com a experiência vivida, como os exemplos Alemão, e em parte Grego. Das três grandes filosofias, Alemã, Grega e Hindu, esta última é para Cioran a mais profunda, porque nela os filósofos estão obrigados a praticar a sua filosofia, são filósofos sábios. O filósofo autêntico não permanece numa tensão irresolúvel para a

⁶ cf. com as reflexões de Schopenhauer sobre a Universidade e a filosofia.

⁷ Cioran, *Le livre des Lèvres in Oeuvres Complètes*, Gallimard, 1995, p. 232.

⁸ *Conversaciones*, p. 81.

sabedoria, consuma-a, e muito menos é um «pensador impessoal». Daí o fascínio pelos sábios Taoístas e pelas espiritualidades Orientais.⁹

Os grandes sistemas, pelo contrário, são imensas construções desprovidas de relação com a experiência vivida, constituídos por filósofos profissionais, cuja actividade é mero exercício intelectual, “*O filósofo Ocidental é alguém que foi concebido. Quando pensamos nos grandes sistemas Alemães, nada tem a ver com a vida.*”¹⁰ No Ocidente não há sábios, não é possível imaginar os sábios taoístas como intelectuais e professores à maneira Ocidental, estes desapareceram com a Antiguidade.¹¹ Como consequência, rejeita o artificialismo da tradição filosófica Ocidental, “*série de hipóteses que depois originaram construções fantásticas, mas isso não surgiu em absoluto da vida, e tão pouco se elaborou em função da vida.*”¹² Os pastores analfabetos estão mais próximos da verdade, da compreensão da natureza e da vida, do que os filósofos. O essencial não necessita da cultura, da civilização, não se encontra nos livros, “*As grandes questões da vida, não tem nada a ver com a cultura. As pessoas simples tem muitas vezes intuições que um filósofo não pode ter. Pois o ponto de partida é o vivido e não a teoria. Um animal pode ter inclusive um sentido mais profundo da vida que um filósofo, quero dizer: ter um sentido da vida mais profundo.*”¹³

A diferença entre as perspectivas acerca da vida, dependem das posições que se adoptam perante a vida. Para Cioran os filósofos pensam num outro mundo, porque estão habituados a estar curvados e como tal fartaram-se de olhar para este mundo.

Cioran afirma metafóricamente que se afastou da filosofia, no momento em que se lhe afigurou impossível descobrir em Kant, e demais filósofos, qualquer sinal de debilidade humana ou acento de verdadeira tristeza. O supremo argumento contra esta disciplina, é o de que todos os filósofos acabaram bem, todos os exemplos que ocorreram de prova contrária, apenas demonstram, que o fim desses homens não foi como filósofos, mas como visionários, pedagogos é poetas.

A *filosofia* ao vincular uma postura arrogante, no íntimo considera-se uma forma de saber superior e inacessível que se arroga o direito de julgar e deter a última palavra. Mas em verdade não conduz onde é preciso chegar, não desmina as ilusões, não torna a vida suportável, não é fecunda, apenas honrosa. Não se equipara em profundidade e energia, à poesia, à mística e à música. É um lugar de refúgio junto “*a ideias anémicas*”¹⁴, lugar de prestígio para os “*tímidos e tibios*”.¹⁵ Estas metáforas fisiológicas designam a tipologia das posições assumidas, perante as atitudes fundamentais do homem. Mas não são os homens, “*todos ridiculamente prudentes e tímidos*”?¹⁶, todos temos em parte a atitude do filósofo e exercitamos essa actividade, “*ofício sem destino que enche de pensamentos volumosos as horas neutras e vazias*”¹⁷, mas o

⁹ Cioran conta a este respeito, que na diferença entre Ocidente e Oriente, um professor de filosofia Dasgupta, que escreveu a maior história de filosofia Hindu em Inglês, considerava Mestre Eckhart, como o maior filósofo Ocidental, o seu pensador mas profundo. .

¹⁰ *Conversaciones*, p. 63.

¹¹ Com excepção de Montaigne, na opinião de Cioran.

¹² *Conversaciones*, p. 63.

¹³ op. cit, p. 129.

¹⁴ Cioran, *Précis de Decomposition*, Gallimard, 1949. p. 72.

¹⁵ ibid.

¹⁶ ibid.

¹⁷ ibid.

filósofo não interessa ao homem desperto. Os poetas, os músicos e os místicos apenas filosofam nos momentos de cansaço. O pensamento nada é comparado com o êxtase, a intensidade e profundidade de uma sinfonia, ou com o culto metafísico das matizes que definem a poesia. O que são as ideias, face à música ou à mística? Apenas ideias que não refletem um destino e como tal carecem de valor. O máximo que o homem pode alcançar é um êxtase das aparências, essa é a sua única realidade, e os meios indicados para a expressarem são a poesia, a música e a mística, pois servem essas aparências supremas. Tudo o mais é aberração, ficção formal ou pura irracionalidade, “*O filósofo que vive de perto o inefável está exposto ao tormento de não ser nem músico, nem poeta nem místico. A filosofia como beco sem saída! Mas nem todos os filósofos, para sua felicidade se elevam a essa vertigem. Os que dela se aproximam introduzem na filosofia um dilaceramento que a reabilita e humaniza*”¹⁸

Se pelos frutos conhecemos a árvore, e atendermos ao que realmente interessa, o exercício filosófico em nada se compara, às horas da produção de um Bach, Shakespeare ou do Antigo Testamento. O critério de distinção não se reduz a analisar as causas pelos efeitos, mas a atender à fecundidade e ajuda que nos presta. Uma exclamação de Job ou o terror de Macbeth, atingem o âmago do humano e os seus verdadeiros problemas, de um modo que é inexpressável a qualquer página filosófica, pois no que é essencial ela é desnecessária e falha. “*Não se pode iludir a existência com explicações, não se pode senão suportá-la, amá-la ou odiá-la, adorá-la ou temê-la, e nessa alternância de felicidade e horror que expressa o ritmo mesmo do ser, as suas oscilações, as suas dissonâncias, as suas veemências amargas ou alegres.*”¹⁹

O filósofo só começará a viver após as ruínas da filosofia e quando compreender a sua nulidade, e se transformar no pensador que reflecte sem ilusões sobre a realidade humana, à maneira de Diógenes Laércio. Os problemas dos homens começam após o esgotamento da filosofia, pela luta irrecusável contra a “*abdicação perante o desconhecido onde se enraízam todos os nossos instantes*”.²⁰ A filosofia abandonou o homem nas suas lutas mais fundantes, pois toda a explicação revela uma carência. É necessário superar a cobardia para mostrar o homem como ele é, em todo o seu despojamento. Esse trabalho de desnudamento, de demolição das “*fachadas*”, parece não ser a tarefa da filosofia.

O nascimento do comediante das ideias e o desaparecimento do filósofo. A Universidade como a morte do Espírito

Nestes tempos escasseiam os filósofos no sentido etimológico da palavra, o que encontramos em abundância são os professores, pessoas pagas para pensar e falar a horas certas, que dissertam a partir de temas programados, pessoas que desconhecem a independência e a importância de falar em nome próprio, de não ter uma doutrina para ensinar. Estes filósofos são pessoas isoladas do mundo,

¹⁸ Cioran, *Ejercicios de admiración*, (trad. espanhola), Tusquets Editores, 1992, p. 140.

¹⁹ *Précis de Decomposition*, p. 72.

²⁰ op. cit., p. 73.

afastadas dos homens e da vida, submersos num sistema ou doutrina, são presas da exclusividade da razão. A sua originalidade limita-se à invenção de termos e conceitos desprovidos de alcance metafísico, e o seu desempenho, à criação de um mundo *pleonástico* onde permanecem abismados.

Para Cioran, são poucas as atitudes possíveis perante o mundo e a morte, no entanto as *filosofias*, perdem-se a multiplicar e diversificar em superabundância as matizes dessas atitudes originárias, e a eleger vocábulos para as definir, esquecendo que só se define por desespero e não por abstrações e construções racionais. Restam-nos comediantes das ideias, enclausurados nas suas construções intelectuais, na sua auto-satisfação ficcional, no duelo dos lugares universitários, do prestígio dos colóquios, "*Para ter um lugar honroso na filosofia, há que ser comediante, respeitar o jogo das ideias e excitar-se com falsos problemas. Em nenhum caso, o homem tal como ele é, deve ser tarefa vossa.*"²¹, compreender esta frase é pensar a distância que vai de Diógenes a Sócrates.

O filósofo não tem "*forma interior*"²², é um "*boneco sinistro*".²³ A personalidade usual do filósofo é o reflexo da sua atitude, a maior parte só se interessa pelas pessoas, se vê nelas possíveis admiradores das suas obras, discípulos, adoradores ou mestres, dos quais obterá vantagens. É então incontornável insurgir-se contra o papel da Universidade e da institucionalização da filosofia como início da sua degradação, e sobre a aberração da possibilidade de uma carreira filosófica e da existência de uma filosofia oficial.

Hoje o espaço da filosofia é um equívoco, a sua inutilidade perpetua-se na academia e na cátedra, onde nada há a dizer ou ensinar, o lugar do seu ensino é na cidade, "*na ágora, num jardim ou em casa. A cátedra é a tumba do filósofo, a morte de todo o pensamento vivo, a cátedra é o espírito enlutado.*"²⁴ O filósofo têm que descer à cidade, participar na sua organização e defesa, tomar a palavra, substituir o ensino por o desenvolvimento de uma atitude e actividade. Abandonar ou transformar a Universidade que quase liquidou a filosofia, ao pretender institucionalizar o essencial. Um verso de um grande poeta, é mais profundo que obras completas de filósofos. O filósofo apodrece as ideias quando se apodera delas, retira-lhes a vida. "*A proibidade filosófica é pura timidez. Tentam demonstrar o que não o pode ser, de provar coisas heterogêneas ao pensamento e tornar válido o irredutível ou o absurdo, a filosofia satisfaz o seu gosto medíocre pelo absoluto. Parece-me por vezes que toda a filosofia se reduz à lei da causalidade, e sou tomado de um desgosto irreprimitivo. Desde o momento em que não podemos fazer filosofia sem a lei da causalidade, tudo me parece encontrar-se além da filosofia.*"²⁵

É repugnante e falsa a actividade desenvolvida com indiferença, neutralidade psíquica e independência perante os estados de ânimo, características que formam o carácter do filósofo. O que era curiosidade, busca, espanto e inquietação, é agora actividade cómoda e enganadora. A filosofia separa as ideias da vida, o que é pensamento do que é pesar e suplício, mas é fundamental ter um destino, e os filósofos tem a comodidade de não o terem, por isso não são dignos de amor. Cioran

²¹ op. cit. p. 96.

²² *De l'inconvénient d'être né*, p. 118.

²³ *ibid.*, p. 118.

²⁴ op. cit., p. 216.

²⁵ *Le Livre des Lèvres*, p. 231.

não consegue amar os homens que não misturam as suas ideias com as suas dores, como Kant por exemplo, que nunca esteve triste.

O medo, o terror, ou a transfiguração do nada, da morte, do irremediável ou a enfermidade, precipícios e falésias da alma e do abismo do mundo, estão ausentes nas obras de Kant, Aristóteles ou Descartes.

O que o homem tem de mais profundo e misterioso é a sua necessidade de consolo, e há uma incompatibilidade entre os mundos do pensamento e o dos suspiros. Ora o plano existencial, da dor, dos suspiros, das lágrimas, do desespero, não é teórico. A necessidade de consolo é indefinível teoricamente, e o equívoco do homem, consiste em recorrer ao mundo dos pensamentos para encontrar consolo.

*“Não há nada mais profundo e misterioso que a necessidade de consolo. Não pode ser definida teoricamente, porque o espírito mais não pode guardar dela mais do que um suspiro. O mundo dos pensamentos não é mais do que uma ilusão face ao mundo dos suspiros. Nenhum filósofo pode consolar-nos pois nenhum possui o destino suficiente para nos compreender. E no entanto os homens procuram o seu comércio por uma razão que imaginam, por uma razão suspeita, poderão ser consolados por o conhecimento. Saber e consolo não coincidem jamais. Para os que necessitam de consolo, os filósofos nada têm a propor. Numa palavra: todo o filósofo é uma expectativa frustrada.”*²⁶

Os filósofos não sabem nada, nem podem ensinar nada a quem necessita de consolo. Quem a eles recorre esperando auxílio engana-se, porque são indiferentes, o que faz de todo o filósofo essa *expectativa frustrada*.

Nenhum poeta, músico ou místico, o deixou de ser para se tornar filósofo, mas o contrário é possível, significa inclusive uma promoção, um ascender a algo mais, a estar perto de alguma coisa. *“Um poeta, um compositor ou um místico filosofam unicamente nos momentos de cansaço, que os forcem a regressar a uma condição inferior. Eles só dão conta que não é uma glória ser filósofo, unicamente quando compreendem até que ponto a filosofia - sem falar da ciência - sabe pouco das coisas.”*²⁷

Ninguém vê ou acorda de si mesmo sem pagar um preço. A profundidade tem cumes e abismos, dos quais não se sai incólume, é necessário uma transfiguração, uma convulsão interior. Urge um pensar para despertar, pautado pela lucidez, pela vontade de desengano e necessidade da sabedoria. Pouco se pode aprender com os *grandes* filósofos, os seus pensamentos só valem para as nossas dúvidas consentidas, servem de recreio para os momentos de monotonia e não para os momentos graves. Assim, é mais importante um só lamento de Job, do que a obra de qualquer filósofo. Mas a crítica de Cioran às formas degradadas de sabedoria, e à nossa condição actual, aplica-se também à técnica e ciência, com seus êxitos e conquistas, ao falso sucesso e qualidade da nossa existência e ao domínio anti-natural sobre o mundo.

Ampliar a noção de filósofo, é circunscrever-lhe a disposição perante o mundo e os homens, *“O primeiro que chegue ruído por interrogações essenciais e contente por estar atormentado por uma imperfeição tão notável.”*²⁸ O filósofo é aquele que avança face a um grau de insegurança cada vez mais intenso, atormentado e apaixonado pelo insolúvel.

²⁶ *ibid.*, p. 231.

²⁷ *op. cit.*, p. 232.

²⁸ Savater, F., *Ensayo sobre Cioran*, Espasa-Calpe, 1992, p. 18, com prefácio de Cioran.

O falhanço da filosofia sistema e a potencialidade do aforismo

O sistema é para Cioran a pior forma de despotismo, na filosofia como em tudo. Aristóteles, S. Tomás de Aquino e Hegel, na sua pretensão de avassaladores do espírito, apenas forjaram projectos delirantes e humanamente impossíveis. Toda a doutrina filosófica consiste na edificação de um pequeno universo inverosímil, de um pensamento sem encanto, reino dos *parasitas do improvável*.

A crítica à filosofia como sistema, dirige-se a uma prática reinante no Ocidente, às suas consequências e significado, que conduziram Cioran à opção pelo fragmento, pelo aforismo. O sistema é o privilégio que o filósofo tem de ser ilegível, é como escrever para Deus. Os grandes sistemas são imensas tautologias, repetições inúteis da mesma ideia: “*Que vantagem há em saber que a natureza do ser consiste na “vontade de viver”, na “ideia” ou na fantasia de Deus ou da química?... Simples proliferação de palavras, simples deslocções do sentido.*”²⁹

O essencial, a experiência íntima, é estranha ao *abraço verbal*. O que surge por revelação dá-se num contexto de “*instante privilegiado e inexpressável*”³⁰, e “*o ser mesmo não é mais que uma pretensão ao nada.*”³¹

O que é o sistema? É uma estratégia do conhecer, mera construção do pensamento, organização do mundo num conjunto lógico, coerente e harmónico, utilizando conceitos, que não são os meios mais apropriados para captarmos a essência das coisas ou estabelecer uma conexão real entre o mundo e a existência. O sistema, consiste numa resposta equívoca à necessidade de fórmulas explicativas e de justificações para o espírito, são fachadas para o nada, tentativas e diversões contra a improbabilidade das nossas concepções, precárias certezas da nossa razão e sentidos, refúgio onde procuramos uma eficácia manipulatória, o nosso universo verbal.

O principal vício do sistema, consiste no seu princípio de honra, quando se começa algo, traça-se um caminho, a que se obedecerá a todo o custo. Começa-se por certos pressupostos, princípios ou teorias dos quais nos tornamos prisioneiros, avançamos e na formação e desenvolvimento do que pretendemos, exigimos a eliminação de toda a contradição e rejeitam-se todas as tentações. A honra, leva neste caso à falsidade no que se pretende abordar. É a mentira em nome da coerência. O sistema têm um carácter totalitário, há um chefe, um controlador cuja voz escutamos, “*O sistema é sempre a voz do chefe: por isso todo o sistema é totalitário, enquanto o pensamento fragmentário permanece livre.*”³²

A intenção de abrangência totalizadora de um sistema é a sua principal falha, pois só reflecte um aspecto do problema, o aspecto controlado. O drama do pensamento estruturado é não permitir a contradição, inviabilizando a fecundidade de qualquer investigação. O aforismo e o fragmento, são deste modo os meios de expressão privilegiados, proposições práticas que formulam uma percepção geral e fundamental, garantindo a síntese, profundidade e densidade. Este tipo de

²⁹ *Précis de Decomposition*, p. 73.

³⁰ op. cit. p. 73.

³¹ op. cit. p. 73.

³² *Conversations*, p. 22.

expressão permite a contradição, incorpora a diversidade, engloba experiências diferentes de um mesmo, reflecte vários aspectos e faces da experiência, faz falar todos os tipos de humanidades, filósofos, épocas e antagonismos.

Uma das objecções à prática aforística e fragmentária é que ela é irresponsável, Também a vida é irresponsável e contraditória. Esse é o único modo de nos aproximarmos da vida e humana, e não apenas do seu aspecto controlado.

O dialecto dos filósofos e o “ghetto” filosófico

A *filosofia* carece de *limpidez*, é uma forma viciada do intelecto e do espírito, a linguagem dos *filósofos* assemelha-se a um dialecto intraduzível, o que os coloca num ghetto voluntário, “*É próprio de toda a forma perfeita que o espírito emane dela de maneira imediata e directa ao passo que a forma viciada o retêm prisioneiro...*”³³ As *filosofias* exprimem-se através dessas pseudolinguagens, e subsistem enclausuradas no mundo artificial que forjaram. Esta linguagem é uma forma viciada, vive encerrada numa circularidade rígida “*que ao querer reflectir as ideias, mais não consegue do que apreender o relevo dos seus esforços, desnaturalizando-as e obscurecendo-as.*”³⁴ A *filosofia* é esse “*mau espelho, que só se reflecte a si mesmo*”³⁵, nessa espécie de autismo. Por paradoxo a palavra é usurpadora, “*num domínio onde deveria ser imperceptível.*”³⁶

A *filosofia* ou modifica e ajuda, ou não é nada, e neste terreno as construções das palavras nada significam. É uma via inadequada que se apresenta face aos problemas de maneira prévia, toma a palavra e acredita dizer algo sobre a realidade, mas nem sempre é fiável o percurso que vai da invenção da palavra à revelação da verdade.

Exemplo do sucesso obtido a partir do fascínio pela linguagem encontra-se em Heidegger, na importância que lhe atribui e na sua genial inventividade verbal. A sua *filosofia* é uma acrobacia de palavras, modifica-as no sentido que lhe convêm, quando se enfrenta com um problema, dissimula-o através da sua habilidade na manipulação e invenção das palavras ou recorre ao procedimento duvidoso das etimologias, criando uma ilusão de profundidade. Heidegger seria o exemplo de que nos devemos afastar, e comprova até que ponto os filósofos escamoteiam os verdadeiros problemas. Além de ser desajustada e questionável a aplicação que faz de categorias racionais à experiência existencial, assim como a tentativa de criar uma terminologia mais original que o pensamento e engenhosidade verbal.

A actividade do filósofo alemão, foi para Cioran uma das confirmações do seu adeus à *filosofia*, “*Esse excesso precisamente foi o que suscitou as minhas dúvidas, quando em 1932 lia Sein und Zeit. Saltou-me à vista a vanidade de semelhante exercício. Parecia que me tentavam enganar com as palavras. Devo agradecer a Heidegger que conseguira, mediante a sua prodigiosa inventividade verbal, abrir-me os olhos. Vi o que havia que evitar a todo o custo.*”³⁷

³³ *De l'Inconvénient d'être né*, p. 60.

³⁴ *ibid.*

³⁵ *ibid.*

³⁶ *ibid.*

³⁷ *Conversaciones*, p. 166.

Estranhamente inventam-se palavras com tremenda facilidade. Vaugelas relatava que na França do séc. XVII, nem o gramático mais importante, nem o Rei Luís IX, podiam inventar palavras. A demiurgia verbal de um Heidegger equivale quase a retomar o trabalho de Deus, facto inaceitável num pensador. *“A maior parte da filosofia traz consigo um crime de lesa linguagem, um crime contra o Verbo. Toda a expressão de escola deveria ser proscrita e assimilada a um delito. É inconscientemente desonesto todo aquele que, para por fim a uma dificuldade ou resolver um problema, forja uma palavra sonora, pretenhiosa, e mesmo uma palavra simplesmente.”*³⁸

O que actualiza a máxima que é necessário mais espírito para prescindir de uma palavra do que para a reintroduzir. Assim, os problemas que a filosofia aborda reduzem-se a abusos da linguagem, falsos problemas, numa acepção diferente do positivismo lógico. A filosofia é então simples manipulação de palavras. Um exercício para colocar à prova a tipologia da sua linguagem, consistiria em transpô-la para a linguagem normal e para as situações vividas. Só restaria um desfasamento incompreensível. Não é pela invenção de palavras que se acede sem mais à realidade. Não se pode explicar o que deve ser vivido. O desenganado despreza o homem do pensamento, o malabarista das palavras e das construções verbais, o histrionismo do vocábulo.

A filosofia como etapa a superar

No itinerário do seu pensamento, Cioran concluirá que a sabedoria é o objectivo principal da vida. Nos dois vocábulos de sabedoria e filosofia, encontra-se o fio condutor do trajecto daquele que verdadeiramente foi filósofo, ou seja, superou a verdadeira filosofia, que deve culminar na necessidade de sabedoria, seu fim natural, e denunciou sempre as suas corrupções e formas espúrias.

Começa-se pela filosofia, mas tem o homem o dever supremo de poder separar-se dela, é um estádio cuja superação é só uma etapa. A sabedoria constitui o culminar e coroar natural da filosofia. Esta termina em sabedoria e como tal realiza-se e desaparece. É fundamental superar, vencer a filosofia, quem não o consegue é para Cioran, um resignado e vencido, aceita a mediocridade como um destino. Há uma obrigatoriedade de ser lúcido, e de saber que o excesso de lucidez torna a vida insuportável, pois a vida só é suportável, senão se extraem as últimas consequências.

Seguir a via da meditação sobre o essencial, encontrar a arte de perder tempo inteligentemente, tendo sempre presente os problemas insolúveis e viver como Epicteto e Marco Aurélio na contemplação, atingir a recusa de um tipo de vida e pensamento aviltante, que nos submerge e devora, através dessa diferença de permanecer na margem, adquirir a capacidade de compreender algo de verdade, eis uma vida lúcida.